

Autobiografia de Um Místico
Espiritualmente Incorreto

OSHO

Autobiografia de Um Místico
Espiritualmente Incorreto

Tradução de
Isabel Baptista

Pergaminho

Vislumbres de Uma Infância Dourada

Nunca fui espiritual no sentido que se costuma dar à palavra. Nunca frequentei templos nem igrejas, nem li as Escrituras, nem segui determinadas práticas para encontrar a verdade, nem adorei a Deus, nem rezei a Deus. Esse não é, de todo, o meu caminho. Por isso, certamente dirá que eu não tenho feito nada de espiritual. Mas para mim a espiritualidade tem uma conotação totalmente diferente. Ela precisa de uma individualidade honesta. Ela não permite nenhum gênero de dependência. Ela cria uma liberdade para si mesma, qualquer que seja o custo. Nunca está na multidão mas sim sozinha, porque a multidão nunca encontrou nenhuma verdade. A verdade só foi encontrada na solidão das pessoas.

Por isso, a minha espiritualidade tem um significado diferente da sua ideia de espiritualidade. As histórias da minha infância, se você as conseguir compreender, vão apontar para todas estas qualidades de uma maneira ou de outra. Ninguém lhes pode chamar espirituais. Eu chamo-lhes espirituais porque elas me deram tudo aquilo a que o homem pode aspirar.

Ao escutar as histórias da minha infância, tente procurar algumas qualidades – não apenas a história, mas um aspecto intrínseco que passa, como um fio ténue, através de todas as minhas memórias. E esse fio ténue é espiritual.

Espiritual, para mim, significa apenas encontrar-se a si mesmo. Nunca permiti que alguém fizesse esse trabalho por mim – porque ninguém o pode fazer por si; você tem de o fazer sozinho.

1931-1939:
KUCHWADA, MADHYA PRADESH, ÍNDIA

Lembro-me da pequena aldeia onde nasci. Em primeiro lugar, é inexplicável a razão por que a existência havia de ter escolhido aquela pequena aldeia. É como tem de ser. A aldeia era linda. Viajei muito e para muito longe, mas nunca encontrei beleza igual. Nós nunca nos cruzamos com o mesmo. As coisas vêm e vão, mas nunca são as mesmas.

Consgo ver aquela aldeia pequena e tranquila; apenas algumas cabanas perto de um lago e algumas árvores altas onde eu costumava brincar. Não havia escola na aldeia. Isto foi muito importante, porque eu não tive qualquer educação durante quase nove anos, e esses são os anos cruciais para a formação do indivíduo. Depois disso, mesmo que se tente, já não é possível ser educado. Por isso, de certa maneira eu continuo não educado, apesar de ter vários diplomas – e não é um diploma qualquer, é um doutoramento. Qualquer palerma consegue fazer um doutoramento deste modo, muitos palermas o fazem todos os anos e isso não tem importância nenhuma. O importante é que, nos meus primeiros anos, não tive educação alguma. Não havia escola, nem estrada, nem comboio, nem correios. Que felicidade! Esta pequena aldeia era um mundo em si mesma. Mesmo nos tempos que passei longe daquela aldeia, continuei naquele mundo, não educado.

Já me cruzei com milhões de pessoas, mas as pessoas daquela aldeia eram mais inocentes do que quaisquer outras, porque eram muito primitivas. Elas não sabiam nada do mundo. Nunca tinha chegado um único jornal àquela aldeia – agora pode entender porque é que não havia escola. Nem mesmo uma escola primária – que felicidade! Nenhuma criança moderna se pode dar a esse luxo.

Em tempos havia crianças casadas antes de terem completado dez anos. Às vezes, até casavam as crianças quando ainda estavam na barriga das mães. Bastava dois amigos decidirem: «As nossas mulheres estão grávidas, por isso, se uma der à luz um rapaz e a outra der à luz uma rapariga, o casamento fica

decidido, está prometido.» A hipótese de perguntar ao rapaz e à rapariga não se punha de todo; eles ainda nem tinham nascido! Mas se um bebé fosse rapaz e o outro rapariga, o casamento estava decidido. E as pessoas mantinham a sua palavra.

A minha própria mãe foi casada quando tinha sete anos de idade. O meu pai não tinha mais que dez anos e não compreendia o que estava a acontecer. Eu costumava perguntar-lhe:

– Do que é que gostaste mais no teu casamento?

E ele respondia:

– De ter andado a cavalo.

Claro! Pela primeira vez, ele foi vestido como um rei, com uma espada pendurada à cintura, e ia montado no cavalo e os outros todos à volta dele iam a pé. Ele gostou imenso daquilo. Essa foi a coisa que mais apreciou no seu casamento. Uma lua-de-mel estava fora de questão. Para onde é que se podia mandar um rapaz de dez anos e uma rapariga de sete em lua de mel? Por isso, na Índia não existia lua de mel, nem em lugar algum no passado.

A mãe do meu pai morreu quando ele tinha dez anos e a minha mãe sete. Depois do casamento, talvez um ou dois anos mais tarde, toda a responsabilidade recaiu sobre a minha mãe, que tinha apenas nove anos. A mãe do meu pai tinha deixado duas filhas pequenas e dois rapazinhos. Por isso, havia quatro crianças, e a responsabilidade de cuidar delas recaiu sobre uma menina de nove anos e um rapaz de doze. O pai do meu pai nunca gostou de viver na cidade onde tinha a loja dele. Ele adorava o campo e, quando a mulher morreu, ficou absolutamente livre. O governo costumava doar terras às pessoas, porque havia muita terra, mas não havia assim tanta gente para a cultivar. Por isso, o meu avô obteve cinquenta acres de terra do governo e deixou a loja inteiramente nas mãos das crianças – o meu pai e a minha mãe –, que tinham apenas doze e nove anos de idade. Ele gostava de cultivar o jardim, de cultivar a quinta, e adorava viver ali, ao ar livre. Era um homem que detestava a cidade.

Por isso, o meu pai nunca conheceu a liberdade dos jovens de hoje. Ele nunca foi jovem nesse sentido. Antes de se poder tornar um jovem, era já um adulto, a tomar conta dos irmãos e

irmãs mais novos e da loja. E aos vinte anos, teve de arranjar casamentos para as irmãs, casamentos e educação para os irmãos.

Nunca chamei «mãe» à minha mãe, porque, antes de eu nascer, ela já tomava conta de quatro crianças que lhe costumavam chamar *bhabhi*. *Bhabhi* significa «mulher do irmão». E como já havia quatro crianças a chamarem-lhe *bhabhi*, também lhe comecei a chamar *bhabhi*. Aprendi isto logo no início, porque havia quatro crianças a chamarem-lhe assim.

Eu fui criado pelos meus avós maternos. Os dois velhotes estavam sozinhos e queriam uma criança que pudesse ser a alegria dos dias que lhes restavam. Por isso, o meu pai e a minha mãe concordaram: eu era o seu filho mais velho, o primogénito; mandaram-me a mim.

Não me lembro de ter qualquer tipo de relacionamento com a família do meu pai nos primeiros anos da minha infância. Passei os meus primeiros anos com dois homens de meia-idade – o meu avô e o seu velho criado, que era um belo homem – e a minha velha avó. Estas três pessoas... a diferença era tão grande que eu estava completamente sozinho. Estes velhotes não eram companhia para mim, não podiam ser. E eu não tinha mais ninguém, porque nessa pequena aldeia a minha família era a mais rica; e era uma aldeia tão pequena – não tinha mais do que duzentas pessoas ao todo – e tão pobre que os meus avós não deixavam que eu me misturasse com as outras crianças. Andavam sujas e claro que eram quase pedintes. Por isso, não havia maneira de ter amigos. Isso teve um grande impacto. Em toda a minha vida nunca conheci ninguém de quem pudesse ser amigo. Sim, conhecidos tive.

Nesses primeiros anos, eu estava tão sozinho que comecei a gostar disso – e é realmente uma felicidade. Por isso, para mim não foi uma maldição, revelou-se uma bênção. Comecei a apreciá-la e comecei a sentir-me autossuficiente; não estava dependente de ninguém.

Nunca me interessei por jogos pela simples razão de que na minha infância não havia maneira de poder jogar; não tinha ninguém com quem jogar. Ainda me consigo ver a mim mesmo

nesses primeiros anos, sentado apenas. A nossa casa estava num lugar muito bonito, mesmo em frente a um lago. Prolongava-se por milhas, o lago... e era tão bonito e tão silencioso. Só de vez em quando se via uma linha de groux brancos a voar ou a fazer chamamentos amorosos, e a paz era perturbada; de outra maneira, era quase o lugar ideal para a meditação. E quando o grito amoroso de um pássaro perturbava a paz... depois do seu grito a paz ficava mais profunda.

O lago estava cheio de flores de lótus, e eu ficava sentado durante horas, satisfeito, como se o mundo não importasse: os lótus, os groux brancos e o silêncio...

E os meus avós tomaram consciência de uma coisa – que eu apreciava a minha solidão. Eles tinham visto que eu não tinha o mínimo desejo de ir à aldeia para conhecer alguém ou falar com alguém. Mesmo quando queriam falar, as minhas respostas eram sim ou não; eu também não estava interessado em falar. Eles tomaram consciência de uma coisa – que eu gostava da minha solidão e que eles tinham o dever sagrado de não me perturbarem.

Por isso, durante sete anos consecutivos ninguém tentou corromper a minha inocência; não havia ninguém para isso. Essas três pessoas que viviam na casa, o criado e os meus avós, protegiam-me de todas as maneiras, de forma que ninguém me perturbasse. De facto, eu comecei a sentir-me um pouco embaraçado à medida que crescia, porque, por minha causa, eles não podiam falar, não podiam ser normais como toda a gente. Às crianças, dizem-lhes: «Cala-te porque o teu pai está a pensar, porque o teu avô está a descansar. Fica quieto, senta-te caladinho.» Na minha infância, aconteceu o contrário. Mas eu não consigo dizer porquê nem como; aconteceu simplesmente. O mérito não é meu.

Essas três pessoas estavam continuamente a fazer sinais umas às outras: «Não o perturbes – ele está tão feliz.» E começaram a gostar do meu silêncio.

O silêncio tem a sua vibração; é contagioso, particularmente o silêncio de uma criança, que não é forçado, que não é por se lhe dizer «vou bater-te se incomodares ou fizeres barulho». Não, isso não é silêncio. Isso não vai criar a vibração agradável

de que estou a falar, de quando uma criança está silenciosa por vontade própria, a desfrutar sem razão nenhuma; a sua felicidade não tem causas. Isso cria grandes vibrações a toda a volta.

Portanto, o facto de eu não ter sido perturbado durante sete anos foi só uma coincidência – ninguém para me ralhar, para me preparar para o mundo dos negócios, da política, da diplomacia. Os meus avós estavam mais interessados em me deixar tão natural quanto possível – particularmente a minha avó. Ela é uma das causas – e estas pequenas coisas afetam todos os nossos padrões de vida –, ela é uma das causas do meu respeito por todas as mulheres. Ela era uma mulher simples, não educada, mas imensamente sensível. Ela deixou claro para o meu avô e para o criado:

– Todos nós vivemos um tipo de vida que não nos levou a lado nenhum. Estamos tão vazios como sempre estivemos e agora a morte aproxima-se – insistia ela. – Não deixem que esta criança seja influenciada por nós. Que influência é que nós podemos ter? A única coisa que conseguimos é torná-lo como nós, e nós não somos nada. Deem-lhe uma oportunidade para ser ele mesmo.

O meu avô – eu ouvia-os discutir durante a noite, quando pensavam que eu estava a dormir – costumava dizer-lhe:

– Estás a dizer-me para fazer isto e eu estou a fazer; mas ele não é nosso filho e mais tarde ou mais cedo vai ter de voltar para os pais dele. O que é que eles hão de dizer? «Vocês não lhe ensinaram maneiras nenhuma, nenhuma etiqueta, ele é completamente selvagem.»

Ela replicava:

– Não te preocupes com isso. Toda a gente neste mundo é civilizada, tem maneiras, etiqueta, mas qual é a vantagem? Tu és muito civilizado – o que é que ganhaste com isso? Quando muito, os pais dele vão ficar zangados connosco. E depois? Que fiquem. Não nos podem bater. E nessa altura a criança vai ser suficientemente forte para que eles possam mudar o rumo da vida dela.

Eu estou imensamente grato a essa velhota. O meu avô continuava a preocupar-se, porque mais tarde ou mais cedo ia ser responsabilizado:

– Eles não de dizer «deixámos o nosso filho convosco e vocês não lhe ensinaram nada».

A minha avó nem sequer permitia um professor particular. Havia um homem na aldeia que podia ter-me ensinado pelo menos os princípios da língua, da matemática, um pouco de geografia. Ele só tinha feito o quarto ano – o grau mais baixo, a que se chamava ensino primário na Índia –, mas era o homem mais instruído da aldeia. O meu avô insistia muito:

– Ele pode cá vir e ensiná-lo. Pelo menos vai ficar a saber o alfabeto, alguma matemática, e, quando voltar para os pais dele, não vão dizer que desperdiçámos completamente sete anos.

Mas a minha avó dizia:

– Nessa altura, eles que façam o que bem entenderem. Nestes sete anos ele só tem de ser ele mesmo e nós não vamos interferir.

E o argumento dela era sempre:

– Tu sabes o alfabeto, e depois? Tu sabes matemática, e depois? Ganhaste algum dinheiro; também queres que ele ganhe algum dinheiro e que viva como tu?

Isso era suficiente para manter o velhote calado. O que fazer? Ficava em dificuldades porque não podia argumentar – mas sabia que ele é que ia ser responsabilizado, e não ela, porque o meu pai havia de perguntar-lhe: «O que é que tu fizeste?» E de facto seria isso que teria acontecido, mas por acaso morreu antes de o meu pai poder perguntar.

Mais tarde, o meu pai estava sempre a dizer:

– Aquele homem é que foi o responsável, ele estragou o rapaz.

Mas nessa altura eu já era suficientemente forte e deixei claro:

– À minha frente, nunca digas uma palavra contra o meu avô materno. Ele salvou-me de ter sido estragado por ti – a tua verdadeira raiva é essa. Mas tu tens outros filhos – estraga-os a eles. E no final vais ver quem é que ficou estragado.

Ele tinha outros filhos e foram vindo mais e mais. Eu costumava provocá-lo:

– Por favor, arranja mais um filho, faz uma dúzia. Onze filhos? As pessoas perguntam-te: «Quantos filhos tem?» Onze não soa bem; uma dúzia impressiona mais.